

Notas e Informações

A queda de Paris

O sinal de alarma voltou a soar. Como na história exemplar, mais uma vez o menino grita por socorro, simulando ameaça de perigo iminente, e divertindo-se com a angústia dos que se apressam a socorrê-lo. A reação dos brasileiros fica na dependência de seu temperamento: se tender para o trágico, eles acatarão as palavras do presidente, transmitidas pelo porta-voz do Planalto, mais uma advertência acerca dos sérios riscos que corre a democracia; em caso contrário não darão importância a essas palavras, tomando-as por mais uma brincadeira do chefe de governo, que as usa para dramatizar situações, com a esperança de fazer a opinião pública esquecer-se de que boa parte da culpa pelo que está acontecendo cabe a ele, presidente José Sarney. O grave é que, num ou noutro caso, como na história, o final é sempre triste: ou a brincadeira de dizer que as instituições estão em perigo termina em tragédia; ou a advertência se converte em realidade e a tragédia se instala. Preso por ter cão e preso por não tê-lo, o povo brasileiro não conhece o caminho de seu destino. Por isso, não pensa no futuro.

Se nos valemos da imagem do menino que gritava por socorro, é pelo simples fato de que o discurso do presidente Sarney nos momentos críticos da vida da Novíssima República tem sido sempre o mesmo — e por pronunciar constantemente o dilúvio, acabou por fazer o povo duvidar da existência do deus vingador em busca do santo Noé. Na realidade crua dos fatos, todos sabem que a situação econômica é difícil, hoje mais do que ontem; que a crise política se mede pelo empenho dos grandes partidos em dificultar a candidatura dos sem-partido e daqueles que militam nas pequenas agremiações, temerosos, os “grandes”, de que o eleitorado privilegie o que não estiver comprometido

com o sistema; que a crise institucional é das mais dramáticas que já vivemos, porque todas as instituições foram tomadas pelo espírito satânico do “enriquecer”; que a crise social está à altura das demais. Todos sabem disso e vivem essa cruel realidade todos os dias. Sucede que apesar da gravidade da situação e talvez pela feliz circunstância de nossa imensidão territorial absorver aquilo que se passa em Brasília, no Rio, em Belo Horizonte e São Paulo, ninguém acredita que possa haver um desenlace fatal para a vida institucional do País. Todos, no fundo, cansaram-se de ouvir falar no dilúvio e passaram a comportar-se como se ele não pudesse existir.

É essa indiferença ante a ira divina — desacreditada pelo número de vezes que o presidente da República fez apelo ao dia do juízo — que leva os brasileiros a não se preocuparem mais, como antigamente, com a gravidade da crise. Nos idos de 1950, para não falar no período 61-64, bastaria uma greve geral como a dos dias 14 e 15 para que as manchetes dos jornais falassem da prontidão da tropa, das ameaças às instituições. Hoje, por progresso político ou por desinteresse, são poucos os que se dão ao exercício de fazer prognósticos. Um desses poucos, sem dúvida, é o presidente Sarney, que talvez não se recorde de que a maldição que acompanhava Cassandra dava-lhe poderes para ver e predizer o futuro, mas fazia que ninguém nela acreditasse. Por não atribuir importância às urdiduras de Cassandra, ninguém leva a sério os prognósticos — a previsão da catástrofe perdeu valor, desgastada que foi pelo uso constante.

Poderia ser diferente? Uma das maldições que perseguem o ser humano, desde que saiu do Éden, é acostumar-se com tudo, o bom e o ruim. Se não tivesse essa capacidade

infinita de adaptar-se às piores situações, esperando sempre pelo porvir melhor, ninguém suportaria não diremos a miséria, mas a escassez. Por isso, acostumamo-nos a considerar normal um país em transformação permanente, em que as instituições se esfrangalham, em que a confiança num futuro melhor desapareceu. Vive-se, hoje, o presente, cada qual se *defendendo* no seu egoísmo e isolamento.

Por isso, as advertências do presidente caem no vazio, embora a realidade possa conter elementos de perturbação dessa *drôle de paix* (não existiu, de 1939 a 1940, na frente francesa, uma *drôle de guerre*, em que todos vestiam uniforme e supunham que não havia guerra, até que as *panzer* jogaram os ingleses no canal da Mancha?).

Como reagirão a CUT e a CGT, que também não acreditam no dilúvio, embora estejam semeando ventos, diante da política salarial que o Executivo, queira ou não, adotará — nem que seja para dizer que não tem nenhuma política e que prefere a livre negociação? Como reagirá o empresariado? E como reagirão uns e outros diante da reação de terceiros? Até quando suportará a sociedade o estado de convulsão permanente — vale dizer de normalidade ilusória — em que o País vive?

O presidente talvez tenha razão em dizer que a hiperinflação trará o fim da transição democrática. O dramático é que o Executivo está de tal forma desacreditado que ninguém toma s.exa. a sério. Tanto é assim que essa frase digna de Cassandra foi publicada sem o destaque que o chefe do governo imaginava fosse ter. O catastrofismo perdeu credibilidade no Brasil; o grave é que ninguém sabe se essa *drôle de paix* é uma boa coisa para todos nós, ou apenas o prenúncio da queda de Paris sem defesa.